



QUEIXAS RESPIRATÓRIAS, CONDIÇÕES DE TRABALHO E PERFIL DE TRABALHADORES DE EMPRESA DE PLANTAÇÃO DE FLORES EM ANDRADAS - MG



Flávia Nemézio Mariotto, Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Inês Monteiro,
Co-orientador: Prof. Dr. Emilio Carlos Elias Baracat

PIBIC/SAE-Unicamp

Departamento de Enfermagem, Faculdade de Ciências Médicas, CP 6111
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, CEP 13083-970, Campinas, SP, Brasil.

Palavras-chaves: saúde do trabalhador - trabalhadores rurais flores

INTRODUÇÃO

Nas duas últimas décadas do Século XX, a economia brasileira passou por grandes mudanças estruturais e institucionais, ditadas pela expansão do capital internacional. Neste contexto, o setor agrícola nacional teve mais uma vez a importante função de aumentar a geração de divisas e assegurar a estabilidade interna dos preços. Entre os segmentos do setor agrícola, com possibilidades de cumprir este ideário econômico e promover uma rápida inclusão das massas de trabalhadores ao mercado, destacaram-se os segmentos da produção de flores e plantas ornamentais (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2004).

No Brasil a produção de flores e plantas ornamentais, inicialmente concentrada no Estado de São Paulo, se expandiu para todo o país, com cultivos nos Estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul, Bahia, Alagoas, Pernambuco, Ceará e, também, na região norte do país. O país possui notórias vantagens para ampliar a produção de flores, enfatizando os microclimas existentes, a disponibilidade de terra, água, mão-de-obra e tecnologias agronômicas disponíveis (Brasil, 2007).

Apesar da grande importância das atividades agrícolas, há pouco interesse no estudo de aspectos da saúde e segurança na agricultura. Há um interesse maior em desenvolver tecnologias para aumento da produção na agropecuária, geralmente sem levar em consideração os impactos à saúde e à segurança do trabalhador (Frank et al., 2004).

São escassas as publicações atuais com pesquisas sobre os trabalhadores rurais e sua relação com a produção de flores, envolvendo o uso de agrotóxicos; contato com poeira, pólen; exposição a ambientes quentes (estufas) e frios (câmaras frias), além dos demais fatores relacionados com a jornada de trabalho.

Este estudo teve por objetivo identificar as condições de trabalho, queixas respiratórias e perfil dos trabalhadores de empresa de flores na cidade de Andradas MG.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo transversal realizado em uma empresa produtora de rosas do município de Andradas, sul de Minas Gerais.



Foto 1: Estufas de rosas na cidade de Andradas - MG.

Para a realização da pesquisa foi utilizado o questionário com dados

sociodemográficos, estilo de vida, trabalho e aspectos de saúde (MONTEIRO, 1996) e questões relativas a doenças respiratórias.

Os questionários foram aplicados pela autora, devido a hipótese de pequena escolaridade dos trabalhadores, que foi confirmada durante a realização da entrevista. Além deste fato, acredita-se que o contato com o trabalhador em seu ambiente de trabalho seja relevante para entender sua real vivência.

A amostra foi constituída por 50 trabalhadores rurais que aceitaram participar da pesquisa. Aos trabalhadores foi lido o termo de consentimento livre e esclarecido e este foi dado por escrito e verbalmente.

Foi construído um banco de dados no Programa Excel® sendo realizada a estatística descritiva para análise dos dados coletados.

RESULTADOS

A empresa em que foram realizadas as entrevistas possui um total de 75 funcionários, todos com carteira assinada.

A produção de rosas de corte é realizada em duas fazendas e, é na sede que as rosas são separadas, classificadas, embaladas, armazenadas e levadas para a venda em Holambra-SP, no leilão eletrônico.

Foram entrevistados 50 trabalhadores nos mais diversos tipos de função: serviços gerais (que são trabalhadores que dizem realizar diversas funções no decorrer do dia de trabalho como cortar rosas, "desbrotar", carpir, realizar limpeza nas roseiras e canteiros, ajudam na adubação, colocam redes de proteção nos botões de rosas, e quando necessário realizam os trabalhos de separação, classificação, embalagem das rosas); cortadores de rosas; embaladores; pulverizadores; tratorista e os encarregados (que são os supervisores).



Foto 2: trabalhadores no barracão de separação, classificação embalagem, conservação e armazenamento das rosas.

A maioria dos trabalhadores era do sexo masculino, casados ou viviam com o companheiro, tinham filhos, possuíam o ensino fundamental incompleto, com idades entre 16 a 69 anos.



Foto 3: trabalhadores nas estufas

No geral, os trabalhadores moram na cidade e vão para o trabalho de ônibus. Eles não possuem pausas fixas como horário para café-da-manhã ou da tarde, porém têm uma hora para o almoço que é realizado pela maioria em um refeitório comunitário.

Dos trabalhadores entrevistados 13 relataram manipular agrotóxicos e alguns produtos químicos (que são na maioria os conservantes): oito deles são pulverizadores, quatro encarregados e um que realiza serviços gerais. Além desses, cinco pessoas durante as entrevistas afirmaram não manipular agrotóxico diretamente, mas disseram que estão

por perto quando é realizada a aplicação; outros relataram que sabem que o agrotóxico "fica na rosa"; e três deles manipulam adubos orgânicos, inorgânicos e produtos químicos para a conservação das rosas. Os pulverizadores utilizam os equipamentos de proteção como pode ser observado na Foto 4.



Foto 4: Pulverizador

São fornecidos equipamentos de proteção individual para todos: luvas, botas, mangote, protetor auricular para os tratoristas, roupas especiais, máscaras e óculos de proteção para os pulverizadores. Os trabalhadores é que trazem de suas casas chapéus ou bonés.

Em relação à saúde, para a maioria dos trabalhadores ela está muito melhor, melhor ou igual se for comparada com a de outra pessoa da mesma idade; eles também relataram que não tiveram problemas de saúde nos últimos 15 dias, porém, 22 dos 50 entrevistados tinham alguma doença na sua opinião.

Das doenças respiratórias do questionário uma pessoa possui na sua opinião bronquite e uma pessoa possui esta doença com diagnóstico médico e na sua opinião; duas pessoas referiram problema respiratório, em geral. Estas pessoas exercem as funções de serviços gerais e cortador de rosas. Apenas um deles disse que não manipula agrotóxico, mas fica perto quando há pulverização no canteiro de rosas.

Dos entrevistados, 14% afirmaram ter sinusite, 4% asma, 18% rinite, 8% relataram ter falta de ar, 38% afirmaram ter crise de espirro e coceira no nariz durante o dia de trabalho como pode ser demonstrado no gráfico 1.

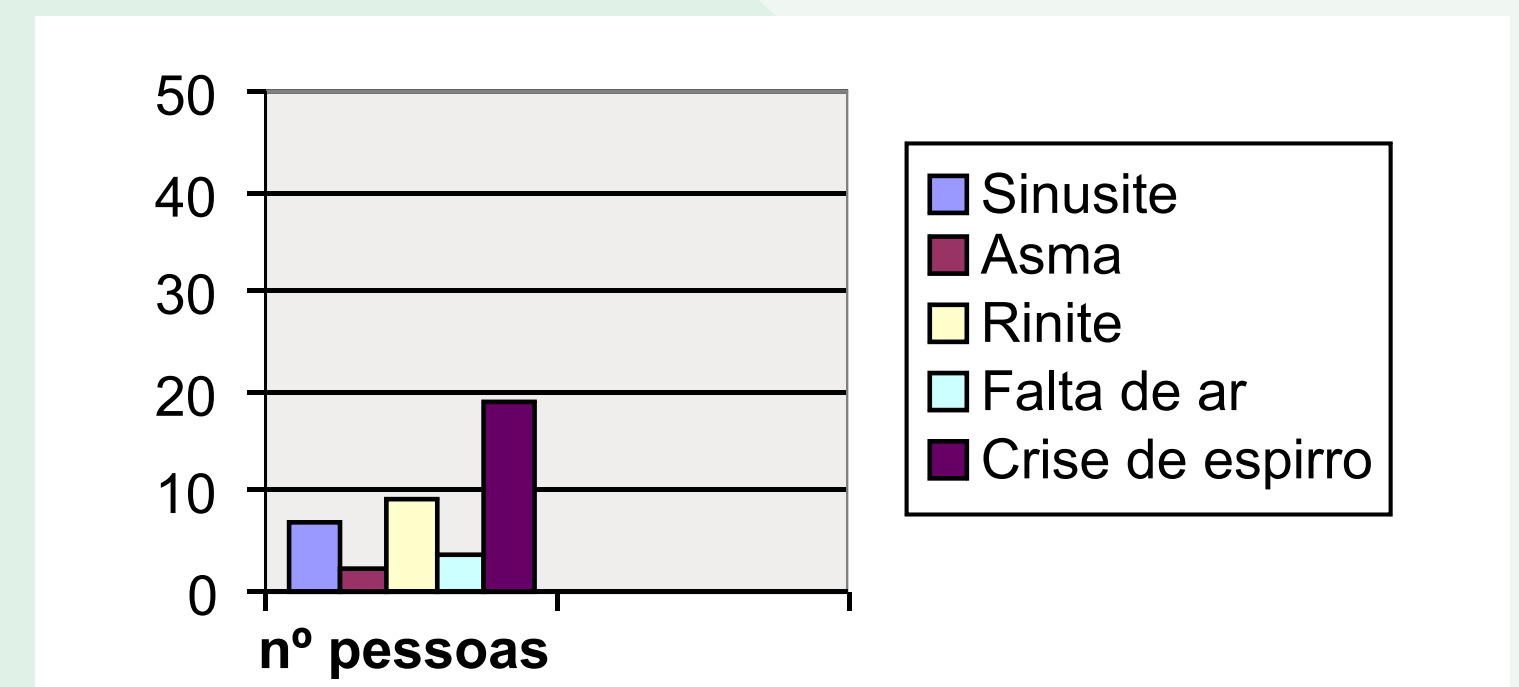


Gráfico 1: Doenças e Sintomas Respiratórios na Opinião dos Trabalhadores

Das pessoas que apresentavam coceira no nariz e/ou têm crise de espirros durante o dia de trabalho, nove realizavam serviços gerais, quatro eram cortadores de rosas, dois embaladores de rosas, três pulverizadores e um encarregado.

Das 13 pessoas que afirmaram manipular agrotóxico, oito relataram algum sintoma e/ou doença respiratória.

DISCUSSÃO

Os trabalhadores estudados são diariamente expostos a diversos tipos de riscos: químicos (agrotóxico, produtos químicos, poeira), físicos (extremos de temperatura, câmara fria, radiação solar, estufas, ruídos), biológicos (pólen, poeiras orgânicas, picadas de insetos e animais peçonhentos), ergonômicos (movimentos repetitivos, estar sempre em uma mesma posição, posturas incorretas) entre outros. Esta é uma realidade encontrada em outros tipos de trabalhadores rurais, como Rocha et al (2007) destaca em seu estudo com cortadores de cana-de-açúcar.

O uso de agrotóxicos pelos trabalhadores rurais foi destacado em diversos trabalhos. Em um estudo com trabalhadores rurais de diversas cidades de Minas Gerais, é alarmante o número de trabalhadores com diagnóstico laboratorial de intoxicação pelo uso de agrotóxico. O risco para a intoxicação destes trabalhadores ainda é maior, pois as orientações e cuidados para aplicação destes produtos são realizadas pelos vendedores, que muitas vezes não são as pessoas mais indicadas para esse tipo de orientação. A falta de fiscalização e sanções contribuem para o manuseio incorreto dos agrotóxicos. Muitos trabalhadores intoxicados não denunciam seus patrões, pois temem que haja represália por parte do empregador (Soares et al., 2003).

Em um estudo com agricultores de Mato Grosso do Sul, Recena e Caldas (2008) afirmam que os trabalhadores reconheceram a possibilidade de intoxicação após o uso incorreto de agrotóxicos na lavoura. Porém, eles nem sempre transformam seus conhecimentos e experiências pessoais em atitudes e práticas mais seguras, como o uso adequado de EPI. Algumas razões para essa dissociação estavam o sentimento de impotência diante de situações de risco, principalmente, devido aos fatores ambientais não controláveis, como o vento e o calor, e a vulnerabilidade econômica dessa população.

As doenças e sintomas respiratórios referidos pelos trabalhadores podem ter relação com a exposição à poeira, pólen, extremos de temperatura, agentes alérgenos no ambiente e o próprio contato com os agrotóxicos.

O estudo realizado em Antônio Prado e Ipê na Serra Gaúcha concluiu que no trabalho agrícola houve uma grande exposição a vários tipos de poeiras orgânicas e minerais. Os trabalhadores que permaneciam em ambientes com maior concentração de poeiras como os avicultores, tinham sintomas de asma e doença respiratória crônica (Faria et al., 2006).

No estudo realizado no Rio de Janeiro com agricultores, Araújo et al.(2007) encontraram algumas queixas dos trabalhadores expostos a alguns produtos como piretróides, sendo uma delas a rinorréia.

CONCLUSÃO

O questionário permitiu conhecer um pouco sobre os aspectos sociodemográficos e problemas de saúde destes trabalhadores.

O nível de instrução dos trabalhadores pode ter grande influência em relação a aquisição de melhores condições de trabalho a que estão expostos e isto interfere diretamente no que diz respeito ao conhecimento dos riscos a que estão constantemente expostos.

Sobre os riscos químicos, é extremamente importante que os trabalhadores estejam conscientes de que são expostos diariamente a eles, pois mesmo que não estejam em contato direto como os pulverizadores, as roseiras são pulverizadas e são manipuladas pela grande maioria desses trabalhadores. Esse e os demais riscos que os trabalhadores estão expostos poderia ser trabalhada na Comissão Interna de Prevenção de Acidentes do Trabalhador Rural, um momento de discussões entre os trabalhadores e proprietário sobre os problemas encontrados no dia-a-dia de trabalho, como estes podem ser sanados, como podem ser prevenidos acidentes e principalmente buscando medidas eficazes de como prevenir as doenças que são desencadeadas pelo trabalho.

As doenças e os sintomas respiratórios foram referidos por uma parcela pequena de trabalhadores, porém isto não significa que não devam ser realizadas medidas para sua prevenção como identificar as fontes desencadeantes das doenças e /ou sintomas, diminuir a exposição ao agrotóxico desnecessariamente, usar os EPIs corretamente, evitar os "choques-térmicos" proporcionados pela câmara fria e até mesmo nas estufas.

É necessário que haja uma organização maior da atenção básica à saúde do trabalhador rural no âmbito do Sistema Único de Saúde para sejam realizadas ações de prevenção e promoção a saúde e não apenas medidas paliativas que visam a cura da doença já estabelecida.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Araújo A.J, Lima JS, Moreira JC, Jacob SC, Soares MO, Monteiro MCM et al. Exposição múltipla a agrotóxicos e efeitos à saúde: estudo transversal em amostra de 102 trabalhadores rurais, Nova Friburgo, RJ. *Ciência & Saúde Coletiva*, 12(1): 115-30, 2007.
Brasil. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, *Apreendendo a Exportar*. Disponível em <http://www.aprendendoaexportar.gov.br/flores/>. Acesso em 13.04.2007
Faria NMX, Fachini LA, Fassa AG, Tomasi E. Trabalho rural, exposição a poeiras e sintomas respiratórios entre agricultores. *Rev.Saúde Pública*, 40(5):827-36, 2006.
Frank AL, Mcknight R, Kirkhorn SR, Gunderson P. Issues of agricultural safety and health. *Annual Review of Public Health*, 25:225-45, 2004.
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. IBGE. Caracterização do setor produtivo de flores e plantas ornamentais no Brasil, 2004. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/agropecuaria/censoagro/flores_e_plantas/default.shtm> Acesso em 13.04.2007.
Monteiro MI. *Instrumento para coleta de dados sociodemográficos, aspectos de saúde, trabalho e estilo de vida*. Campinas, 1996, atualizado em 2007.
Recena MCP, Caldas ED. Percepção de riscos, atitudes e práticas no uso de agrotóxicos entre agricultores de Culturrama, MS. *Rev Saúde Pública*, 42(2):294-301, 2008.
Rocha FLR, Marziale MHP, Robazzi MLCC. A pobreza como fator predisponente ao adocemamento de trabalhadores do corte de cana-de-açúcar. *Rev Latino-am Enfermagem*, 15(spe): 736-741, 2007.
Soares W, Almeida RMVR, Moro S. Trabalho rural e fatores de risco associados ao regime de uso de agrotóxicos em Minas Gerais, Brasil. *Cad. Saúde Pública*, 19(4):1117-27, 2003.

